

SEQÜÊNCIAS BIXOPÁ E ITAIÇABA E O SISTEMA ORÓS - JAGUARIBE

P. F. M. Torres (CPRM/Fortaleza) refort@secrel.com.br; F. da S. Prado

Pequenos restos de seqüências vulcano-sedimentares do Ceará, tais como as das regiões de Bixopá e Itaiçaba, ainda não divulgadas na literatura acadêmica, exibem características sugestivas a uma correlação com litótipos do Sistema Orós-Jaguaribe (SOJ), favorecendo, assim, uma reavaliação de sua real distribuição. O SOJ corresponde a uma associação plutono-vulcano-sedimentar, ocorrendo em duas faixas subparalelas (faixas Orós e Jaguaribe), envolvendo vulcânicas básicas e ácidas e uma sedimentação psamo-pelítica-carbonática a psamo-pelítica submetida a metamorfismo de fácies xisto verde a anfibolito médio, monocíclica e freqüentemente afetada pelas transcorrências brasileiras. As bordas do Sistema são marcadas por ortognaisses graníticos porfiríticos alcalinos a subalcalinos ("Granitos Lima Campos"). Os dados geocronológicos denotam idade em torno de 1,8 Ga. A Seqüência Itaiçaba é uma associação vulcano-sedimentar onde os prováveis protólitos correspondem a metarenitos impuros, metassiltitos, metapelitos, metapsamitos e vulcanogênicas ácidas (metatufos). As condições metamórficas variam de fácies xisto-verde a anfibolito baixo. A Seqüência Bixopá corresponde a uma associação lítica de baixo grau metamórfico incluindo xisto à mica e sericita com rara granada, quartzitos ferríferos, quartzitos micáceos e/ou feldspáticos, localmente quartzitos puros e augen-gnaisses graníticos ricos em K-feldspato semelhantes aos "Granitos Lima Campos" indicando cinemática de transcorrência dextral. Apesar da forte alteração dos afloramentos e de suas reduzidas extensões, os xistos correspondem a metassedimentos finos, embora não se descarte a possibilidade de que parte deles se

trate de rochas vulcanogênicas. Outra observação é que a estruturação existente no setor leste da faixa da Seqüência Bixopá e no embasamento adjacente, vergando para S/SSE, em direção à Zona de Cisalhamento Jaguaribe (ZCJ), localizada mais a leste, é parcialmente encoberta por sedimentos da Formação Faceira. Mais ao sul (por cerca de 8km a oeste de Limoeiro do Norte - CE,) passam a aflorar augen-gnaisses graníticos tipo Lima Campos (os quais também ocorrem na Seqüência Bixopá), no contexto da Faixa Jaguaribe, ao longo de uma estruturação S/SSW associada à ZCJ. Este fato sugere uma possível continuidade física entre as duas faixas e portanto com o SOJ. Uma questão não muito clara, tema de futuros estudos, é o posicionamento desta Seqüência (a exceção do seu setor leste) em torno da direção E-W, discordante da Faixa Jaguaribe vizinha. Fato similar ocorre com a Seqüência Peixe Gordo, embora de forma inversa, a qual inicia com *trend* próximo a E-W e verga gradualmente, para N/NNW em direção à ZCJ situada mais a oeste. As duas seqüências supramencionadas e o ZCJ, quando vistos em conjunto, em escala regional, lembram uma mega-estrutura S/C indicando movimento dextral. Quanto à Seqüência Itaiçaba, não se observa continuidade física desta com os litótipos da Faixa Jaguaribe (incluindo Seqüência Peixe Gordo) em vista de extensa cobertura fanerozóica existente na região. Entretanto esta Seqüência e a Faixa Jaguaribe exibem similaridades litológicas e tectônicas/estruturais além de se posicionarem segundo um mesmo *trend* estrutural associado à ZCJ. Estes fatos sugerem que a Seqüência Itaiçaba também pertença ao SOJ.

SIGNIFICADO PALEOGEOGRÁFICO DA SUPERFÍCIE DE APLAINAMENTO PEDRA BRANCA NA EVOLUÇÃO DA BACIA CORUMBÁ (NEOPROTEROZÓICO III)

Paulo César Boggiani (UFMS) boggiani@nin.ufms.br; Armando Márcio Coimbra

Durante a década de oitenta, ênfase demasiada no estudo de estilos estruturais de faixas de dobramentos, no Brasil, resultaram em redefinições da litoestratigrafia de unidades metassedimentares de faixas de dobramentos.

Na Faixa Paraguai, borda sudeste do Cráton Amazônico, o critério de mapeamento empregado para distinção entre os grupos Cuiabá e Corumbá foi o número de fases de dobramento. Disto resultou nova subdivisão estratigráfica do Grupo Corumbá de difícil aplicação.

O desenvolvimento de estudos de fácies sedimentares implicou a retomada da definição original do Grupo Corumbá de ALMEIDA (1965, Boletim DGM-DNPM, 219:1-96), modificada com a inclusão dos conglomerados, arenitos e pelitos da Formação Cadiueus na base. Desta forma, o Grupo Corumbá é agora apresentado como constituído, na base, pelos Conglomerados Cadiueus seguidos de arenitos e calcários da Formação Cerradinho, dolomitos da Formação Bocaina, calcários calcíficos pretos e folhelhos grafíticos fossilíferos da Formação Tamengo recobertos, no topo, por espesso pacote pelítico da Formação Guaicurus, totalizando a espessura aproximada de 700m.

Sobre o embasamento gnáissico granítico do Bloco Rio Apa, foi identificada extensa superfície de aplainamento erosiva, facilmente visualizada na borda oeste do Planalto da Bodoquena, na localidade de Morraria, a oeste de Miranda (MS). Nesta localidade, é observado corpo contínuo de estromatólitos pseudocolunares (Formação Bocaina), com 10 a 15m de espessura e área de 10 kmx20 km, posicionado diretamente sobre a superfície erosiva.

Esta superfície, aqui denominada Superfície Pedra Branca, é registro de intenso processo erosivo ocorrido antes ou nos primórdios da abertura da Bacia Corumbá, interpretada como

bacia *rift-drift* resultante da fragmentação de supercontinente neoproterozóico.

As formações Cadiueus e Cerradinho, predominantemente terrígenas, teriam se depositado sob condições restritas, em *grabens*. A elevação relativa do nível do mar possibilitou o avanço do mar continente adentro sobre a extensa superfície com expansão da área da bacia, antes confinada aos *grabens*. Tal conformação geomorfológica originou ambiente de águas rasas por área de centenas de quilômetros, o qual, sob provável clima árido, teria possibilitado a origem dos dolomitos.

A Formação Bocaina caracteriza-se pela relativa pouca espessura (30 a 70 m) e grande variação lateral de fácies e abundância de estromatólitos, *tepees* e *ooids*. No topo desta unidade ocorrem rochas fosfáticas (microfosforito) cujos depósitos localizam-se ao longo do limite do cráton com a faixa de dobramento, onde também concentram-se os corpos estromatolíticos. Devido a estas características, este limite é interpretado como a região costeira do paleocontinente, com o oceano neoproterozóico a leste.

Em núcleo de anticlinais, observa-se o posicionamento dos Dolomitos Bocaina diretamente sobre diamictitos da Formação Puga (Glaciação Varanger), cujo topo teria sido também aplainado.

A presença de dolomitos recobrendo depósitos glaciogênicos tem sido constatada em demais seqüências neoproterozóicas, onde recebem denominações específicas como *cap dolomites* (oeste africano), *tepees dolomites* (Canadá), sendo também encontrados no Geossinclíneo de Adelaide (Austrália) e Leste da Groenlândia, o que fornece à Superfície Pedra Branca, e aos dolomitos sobrepostos, considerável valor estratigráfico (FAPESP 1995/1227-9)